

Histórias de vida e formação no curso de licenciatura em pedagogia da terra

Life stories and graduation in degree of pedagogy of land course

Emerson Augusto de Medeiros¹

emerson.au@hotmail.com

Ana Lúcia Aguiar Lopes Leandro²

oliveiraaguiarpetro@gmail.com

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa para a construção da dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Tem como objetivo principal refletir sobre como as histórias, os saberes, as experiências e os fazeres de alunos camponeses contribuíram para sua formação no curso de Licenciatura Pedagogia da Terra da UERN. Utilizamos o método (auto)biográfico em nosso estudo, considerando as narrativas de si como práticas de formação. Josso (2010,) Halbwachs (1990), Momberger (2008) subsidiaram as discussões no que concerne aos aspectos teórico-metodológicos. As narrativas constroem saberes e fazeres da experiência, ancorados na cultura camponesa. Concebemos o campo como um espaço de possibilidades, de lutas e conquistas, defendendo uma educação fundamentada nos princípios culturais que se encontram no seio coletivo da comunidade campesina.

Palavras-chave: Histórias, Saberes, Experiências, Fazeres, (Auto)Biografias.

Abstract

This work is part of a research which have built the dissertation, developed in the Post-Graduate Education (POSEDUC) State University of Rio Grande do Norte/UERN. Its main objective is to reflect on how the stories, knowledge, experiences and makings of student peasants have contributed to their graduation in the Pedagogy of Land Degree Course of UERN. We used the (auto)biographical study method, considering the narratives of themselves as practical training. Josso (2010), Halbwachs (1990), and Momberger (2008) have sustained the discussions regarding the theoretical and methodological aspects. Narratives build knowledge and practice experience, anchored in the peasant culture. We conceive the country

¹ Aluno do mestrado em educação, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Bolsista CAPES.

² Doutora em sociologia. Professora e orientadora no mestrado em educação, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.

as a space for possibilities, struggles and conquests, defending an education grounded in the cultural principles that lie within the collective peasant community.

Keywords: Stories, Knowings, Experiences, Makings, (Auto)Biographies.

Introdução

O presente trabalho propõe uma discussão acerca das histórias, dos saberes, das experiências e dos fazeres de ex-alunos camponeses, do curso de Pedagogia do Projeto Pedagogia da terra, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Trata-se de um trabalho fundamentado nas narrativas (auto)biográficas desses ex-alunos.

As narrativas (auto)biográficas, como assinalam Souza e Passegi (2008), oferecem um terreno de compreensão acerca do passado e do presente singular/plural do sujeito. Dessa forma, falam de aprendizagens significativas dos processos vitais de formação.

Consideramos que o ser camponês é um sujeito com histórias e saberes, experiências e fazeres próprios, ricos e nutridos em contato direto com o campo e a terra, sendo esses elementos fontes necessárias na construção identitária de sua vida.

Nessa perspectiva, objetivamos no estudo **refletir sobre como as histórias, os saberes, as experiências e os fazeres de alunos camponeses contribuíram para sua formação no curso de Licenciatura Pedagogia da Terra da UERN.**

Como atores e autores sociais da pesquisa, destacamos três ex-alunos do curso, que no decorrer deste texto, serão pontos cernes para reflexões e entendimento das discussões. Utilizamos a abordagem qualitativa de investigação, que entende as práticas sociais como atividades humanas carregadas de significados, dando sentido, desse modo, à vida dos que dela participam (MINAYO, 2007).

No que se refere aos instrumentos de coleta de informações ao estudo, ocupamo-nos com as entrevistas de histórias de vida, referenciando-nos nas ideias de Alberti (2005 p.38), a qual escreve que “as entrevistas de histórias de vida têm como interesse o próprio indivíduo na história”. Com essa técnica de coleta, o

narrador passa pelos diversos acontecimentos e conjunturas vividas e presenciadas em sua trajetória.

Pontuamos que devido à amplitude da investigação, descrevemos nesse momento, parte do estudo realizado. Como ponto de partida temos o seguinte questionamento: **Como as histórias, os saberes, as experiências e os fazeres dos alunos camponeses contribuíram em sua formação no curso de Licenciatura Pedagogia da Terra da UERN?**

No artigo, conheceremos, através das (auto)biografias, algumas das histórias, dos saberes, das experiências e dos fazeres do ser camponês. A memória reconstruindo uma trajetória trará o vivido, o sentido, o labor, a vida do homem dito comum, com todo o repertório que se articula à existência do homem camponês.

1. Não em livros ou em laboratórios, mas nas histórias de vidas que são reconstruídas pelas memórias

No trajeto de nossa vida, estamos frequentemente experimentando, conhecendo e aprendendo diversos saberes e sabores. Em cada fazer, sentir e viver, encontros e desencontros, acumulamos bagagens de experiências que vão se registrando em nossas memórias, permitindo ser o que somos e compartilhar conhecimentos que nos possibilitam estar no e com o mundo.

Halbwachs (1990) norteador das discussões aqui expostas, diz que a memória deve ser concebida não apenas como capacidade de lembrar e estabelecer interações entre fatos, sujeitos e acontecimentos, mas, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, como um fenômeno construído grupalmente e submetido a flutuações, transformações e mudanças. Para o autor, “toda história de nossa vida faz parte da história em geral” (p.62), pois a trajetória e a história de um sujeito estão sempre em intercomunhão com um contexto social, com um coletivo.

Nessa linha explicativa, esse autor define que o indivíduo, ao buscar reconstruir os acontecimentos de sua vida entrelaça-se às vivências dos demais. Suas lembranças, até mesmo as individuais, estão necessariamente relacionadas às lembranças de outros sujeitos, de um grupo.

As lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade nunca estamos sós. Não é

necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p.30)

As vivências individuais nunca são propriamente solitárias, fazem parte de uma teia de relações, de interdependência entre o individual e o coletivo, estando relacionadas às experiências dos outros.

O homem do/no campo no processo histórico civilizacional construiu saberes e fazeres que se perpetuam na memória de seus povos. Esses saberes e fazeres comportam sustentabilidade e diversidade, não são técnicos, codificados, espontâneos. Eles enraízam-se na história de todos os dias, nas histórias de cada geração, trata-se de saberes e fazeres apreendidos na convivência recíproca com a vida, através da experiência, numa “ação cultural dialógica” (FREIRE, 2010, p.37).

As memórias que se reconstroem sendo passadas de geração para geração guardam o conteúdo histórico do homem camponês. Saberes, fazeres, histórias e experiências com a terra e o campo apresentam-se como instrumentos identitários de um povo:

Aprendi a deitar com minha avó, ela dizia que quando a galinha chocasse tem que colocar fumo preto, se não dá café, tem que colocar uma faca ou algo de metal no fundo da caixa ou do ninho mesmo, para evitar que quando chovesse e trovejassem os pintos não morram na casca do ovo. Com oito dias, devemos olhar se o ovo está cheio, se ele tem uma mancha preta, uma bolinha, se você vir ele bem clarinho, o ovo não encheu, a gente olha com a lamparina, com o claro da lamparina, faço isso à noite. Após vinte dias, os pintos começam a nascer, passam dois ou três dias para que todos nasçam. Claro que isso depende da força da lua. Ela tem que estar cheia, só serve para deitar galinha, guiné, peru, pato, qualquer bicho com a lua nova, para sair na lua cheia, se não os bichinhos não têm força para sair do ovo. É incrível isso, não sei nem como explicar. (Leandra Fernandes³, depoimento, Comunidade Várzea Redonda, Upanema/RN, 05/06/2012)

Meu pai me ensinou a tirar o leite, não existe uma técnica específica para tirar o leite. É preciso ter jeito, não é tirar por tirar, tem que apertar no peito da vaca e puxar, como se estivesse espremendo, só que devagar, para não machucar a vaca. As primeiras gotas de leite você não deve botar no balde, está suja, a vaca passa à noite deitada no curral, seu úbero está sujo. Eu tiro leite de três peitos da vaca, deixo um para o bezerro, em tempo de seca como essa, se você não fizer isso, ele cai de fome. Eu também não gosto de tirar o leite dela mais de uma vez por dia, acho uma

³ Salientamos que os camponeses autores e atores do estudo permitiram a divulgação de sua identidade. Eles frisaram que, no estudo, deveriam apresentar seus nomes, bem como todas as informações construídas em suas narrativas. Acrescentamos que os camponeses assinaram um termo de Livre Esclarecimento, permitindo legalmente a divulgação de dados e das informações e, do mesmo modo, das imagens construídas na pesquisa. O termo de Livre Esclarecimento foi assinado em 12/03/2012.

maldade, ela fica fraca e o bezerro com fome. (Pedro Touto, depoimento, Assentamento Nova Esperança, Upanema/RN, 05/06/2012)

Quando éramos adolescentes, nós fazíamos arapucas em buracos e serrotes para pegar os preás, sempre à noite nós íamos armar as arapucas e durante o decorrer da noite, que é a hora que eles saem para comer e procriar, nós os pegava. Aí pela manhã cedinho, nós íamos ver o que há em cada buraco, às vezes tinha cobra e outros bichos, mas quase sempre a gente matava muito preá. Nós não matávamos as preás que estavam amojadas, nós tínhamos consciência de que se não cuidar da natureza, ela acaba. Os preás pequenos, nós também não os matava, só os machos grandes e as preás que não estavam amojadas. Os tejos, a gente pegava por trás dos açudes, eles gostam de lugares frios. Meus irmãos pegavam os tejos pelo dia, ao meio-dia, eles saem para comer, então meus irmãos aproveitavam. (Francione Bezerra, depoimento, Assentamento Nova Vida, Upanema/RN, 05/06/2012)

A biografia rememorada, como assinala Momberger (2008 p.16), remete o sujeito a um processo de reconstrução do “eu”, no qual se explicitam os acontecimentos de uma vida, agregando um conjunto de vivências norteadoras de ações, delineando o percurso existencial que cada um construiu em sua formação.

Os saberes e os fazeres da caça, da pecuária, do cuidar e do chocar da galinha falam de um “saber e fazer vida”, de um “saber e fazer viver”, que se manifesta no ciclo vital do homem camponês, transformando-se em história e em experiência. Esses saberes e fazeres evidenciam os referenciais e os recursos que o homem do/no campo utiliza para construir um saber e um fazer na e para a vida.

Moita (2000) entende que o trabalho com a história de vida permite apreender de forma geral e dinâmica as “interconstruções”⁴ que existiram entre as diversas situações e dimensões da vida. O resgate da história de vida e da memória do sujeito proporciona conceber a forma como cada ser se faz e se forma no próprio caminho da existência.

Leandra rememora um saber construído na mediação experiencial com sua avó. Esse saber se relaciona com sua história camponesa, se faz no olhar e na escuta do outro, dos elementos cósmicos (a lua). Ela fala de um fazer praticado por camponeses que, em meio à natureza, constrói uma relação singular, produzindo a sobrevivência e perpetuando a especificidade da vida no campo.

Pedro conta um saber, um fazer e sua experiência com/na pecuária leiteira demonstrando a maneira cuidadosa com que trata e cria os animais. Percebe-se seu

⁴ Interconstrução é um termo utilizado por Moita (2000) referindo-se às construções coletivas na vida.

zelo e seu olhar sensível no trabalho de ordenhar a vaca e na forma de cuidar do bezerro.

Francione, ao narrar um saber e um fazer da caça, compartilha momentos e experiências vividas na infância com seus irmãos. Ela se remete à consciência que tinha em não poder tirar da natureza aquilo que não se encontra em abundância⁵.

As estratégias para capturar os animais, que se formam também no meio social do ser camponês, denotam a organização de saberes e de fazeres, de experiências e de histórias. Há um tempo e um lugar certos para caçar, há uma escolha acerca do que pode ser caçado, há uma organização e instrumentalização para se caçar, há comunhão com a natureza.

As reflexões esboçadas anteriormente ajudam-nos a compreender, a partir das narrativas (auto)biográficas dos camponeses, a tênue relação do homem camponês com saberes e fazeres que singularizam as matrizes do viver no/do campo.

Momberger (2008), ao escrever sobre o ato de biografar, define que:

É a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas, é a narrativa que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as **relações** de causa, de meio, de finalidade; que polariza as linhas de nossos **enredos** entre um começo e um fim. É a narrativa que faz de nós próprios personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma **história** a nossa vida. (p.37. grifos do autor)

Josso (2010), ao concordar com os escritos de Momberger (2008), acentua que o ser, ao narrar-se, constrói o vivido, abrindo-se para uma pluralidade de interpretações, descortinando, ao mesmo tempo, outro mundo, que está intimamente ligado a nossa condição de ser homem, a nossa identidade cósmica.

As histórias (que carregam toda uma trajetória), os saberes (que são formados e exercidos na labuta diária), as experiências (que tratam do vivido e sentido na esfera prática da vida) e os fazeres (que expressam o campo e sua pluralidade) do ser camponês são temporais, plurais e heterogêneos, personalizados e situados, porque possibilitam aprendizagens constantes e nascem da inserção da vida humana, a partir dos valores e dos conhecimentos acumulados e construídos na história-memória individual e coletiva de seus sujeitos, de seu grupo (HALBWACHS, 1990; BOSI, 2004). Histórias, saberes, experiências e fazeres

⁵ Pontificamos que Francione, ao narrar sobre o caçar, deixa claro que reconhece seu caráter ilegal. Ela conta esse saber praticado, porque esteve presente em suas vivências e construções na infância.

nutridos e significativos no/pelo campo e na/pela terra falam por si do homem camponês, caracterizam sua construção humana, social e cultural, o tecido de suas vidas, de suas práticas formativas.

Tudo vai a partir da experiência. Aprendi a plantar capim com meu pai. Eu enterro o pau de capim na lama, depois de dois meses ele está pronto para cortar e tirar, não precisa aguar, molho bem a terra, tem que deixar bem mole, depois é só plantar. Tem que plantar na lama, se não fizer isso, não vai prestar. Eu me refiro ao capim-elefante. Esse ano, resolvi logo plantar capim, porque papai disse que quando o inverno vai ser bom, o pé de Angico bota uma resina, ele chora, é um líquido que sai de dentro dele. Lá no lote tem um desses, eu não vi nada, até comentei com ele, então, resolvemos nos preparar. Nós aqui no assentamento trabalhamos em coletividade, tem o rio que corta nossas terras, mas, vendo as dificuldades de cada, nós dividimos: eu planto uma parte, outros colegas plantam outras, cada um fica responsável um dia para olhar o capim e pasturar o gado que come próximo. Nós fazemos assim, não há desentendimento, trabalhando dessa forma, nós nos ajudamos. Apesar de alguns vir de lugares bem diferentes, mas a gente tem isso, é preciso ajudar, ser colega. (Pedro Touto, depoimento, Assentamento Nova Esperança, Upanema/RN, 05/06/2012)

No campo, você tira o que quer da natureza, é ela quem lhe fornece. Na época do inverno, papai colhia o milho à tarde, ou por hora dessa antes do almoço; aí depois do almoço, todos sentavam no chão; aí uns iam espalhar, mamãe ia cortar, outros iam moer, outros iam tirar o cabelo do milho, depois íamos fazer a massa para pamonha e para canjica. Mamãe gostava de dizer que a canjica quando dá o ponto fica borbulhando ou engelhando. A canjica deve ficar bem durinha, gosto de fazer a canjica bem dura, só com o milho, o açúcar ou rapadura e o leite, tudo isso você obtém da terra. (Francione Bezerra, depoimento, Assentamento Nova Vida, Upanema/RN, 05/06/2012)

Eu gosto muito de plantar, gosto mesmo de ter minhas coisas, ter minhas frutas para o suco no almoço, ter o feijão para passar o ano. Eu sei que o campo pode dá de tudo, meu marido e eu plantamos muito, pode olhar meu quintal, fiz minha horta, nela tem o pimentão, a cebolinha, o coentro (entusiasmada). [...] A semente do coentro é redondinha, você tem que fazer um canteiro, ou pode plantar no chão, só que tem que ser em fileiras, fica mais fácil de aguar. A gente adubava, colocava as fezes do gado em sacos no rio, para a urina sair e depois que o rio lavava nós utilizávamos como adubo e preparava a terra para plantar o coentro. Com uns dias, acho que com uns vinte dias, o coentro está pronto, ele tem crescido. (Leandra Fernandes, depoimento, Comunidade Várgea Redonda, Upanema/RN, 05/06/2012)

Os ditos dos camponeses, reconstruídos por sua memórias, reforçam as ideias de Pollak (1989), o qual argumenta que a memória é em parte herdada, não se refere exclusivamente à vida física do homem. É herdada, porque é construída

através de relações, oriundas de pessoas que viveram períodos e fatos que se reportaram àquela situação, é herdada, porque sendo também coletiva, pertence a um grupo, tendo em si suas características.

Bosi (2004) acrescenta ainda que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator, extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa, ou de um grupo em sua “reconstrução de si”.

Pedro, Leandra e Francione, em suas narrativas, falam de histórias, saberes, experiências e fazeres na agricultura e no lar, que estão diretamente ligados à família, ao trabalho, constituem-se na troca e na partilha, trazendo acoplados valores e contemplações sobre o sentido da vida.

Francione reconstrói momentos de aprendizagens com a família, descrevendo habilidades, participação e alteridade na produção da canjica e da pamonha. Para além de uma atividade do lar e do cozinhar, o processo de produção da canjica e da pamonha envolve sentidos e sensibilidades construídos no interior do núcleo familiar: a divisão do trabalho, a união, a construção de laços nessa relação.

A experiência de produção do coentro descrita por Leandra compreende a interação entre o mundo cultural e natural, entre o homem e a natureza, entre o camponês, o campo e a terra. Ela fala do viver que a própria natureza constrói. A semente que germina, modifica o solo, enraíza-se, transforma a terra que, por sua vez, nutre a espécie planta que posteriormente fornece o alimento. É a terra que faz terra, que faz o alimento, o alimento que faz a terra, que faz o homem viver e Ser camponês.

Pedro ensina a plantar o capim, atividade que tem, para ele, como fator determinante a experiência e a prática. A escuta dos ditos de seu pai sobre as possibilidades acerca do inverno, a referência em que se baseia para creditar as chuvas, a preocupação para que o broto do capim ‘rameie’, a solidariedade dos camponeses no trabalho coletivo que desenvolve no assentamento retratam um cenário que traz um arcabouço de aprendizagens, postulando o enredo da vida no campo, na terra e do camponês. Há criatividade humana no saber e no fazer, na experiência e na história que se eternizam, porque existem na memória coletiva que

aflora em diversos momentos, estabelecendo um vínculo entre o passado e o presente.

2. (Auto)biografias e (auto)formação: entre o saber e o fazer, um ser camponês

Josso (2010) diz que falar de (auto)formação não significa dizer que o sujeito aprende por si só. Não é um processo em que se prescinde do formador. Para essa autora, significa um “caminhar com” o sujeito em formação e ajudá-lo a reconhecer sua humanidade singular. É a partir desse contexto, que tomamos as narrativas (auto)biográficas como operadores capazes de reintroduzir os camponeses no conhecimento de si, ampliando sua percepção e alimentando seus saberes a partir da reflexão sobre as experiências, as histórias e os fazeres que foram fundamentais para seus processos de formação.

Leandra, Pedro e Francione narram, falam e contam de si, descortinam-se a cada história e entrevista, eles mostram, contando e versando suas vidas, um conhecimento guardado nas memórias que, ao reconstruírem-se, tornam-se (auto)conhecimento, pois os levam ao vivido, que traz todo um significado, introduzindo-os ao mesmo tempo nos períodos singulares da vida.

A cada saber contado, a cada história, experiência e fazer narrado, eles refletem e questionam sobre o viver nesse mundo-campo presente, compreendem a relevância de sua cultura, dos valores construídos no passado, o que são e em que lugar chegaram, como a exemplo do Curso de Pedagogia da Terra da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, despertam a curiosidade, entendem-se e fazem-se sujeitos.

A mediação entre os narradores do estudo e os ouvintes (pesquisadores) possibilita que ambos concebam o espaço-terra, o viver campo, formação para quem escuta e (auto)formação para os que narram. O universo vivido e descrito pelos camponeses é enriquecedor, fala de conhecimentos singulares e plurais, diz de um ser humano em relação com a terra, que percebe na construção da/na vida o tempo de cada coisa, pois a própria natureza o habilita e o ensina a viver e a aprender. Narrando a vida, contando a formação, os camponeses constroem

consciência, alteridade, percebem a própria sabedoria na história, formam-se sujeito-homem e (auto)formam-se enquanto camponeses.

Esse sujeito-homem, que sabe lidar com o tempo de bonança e com o tempo da escassez de alimento, identifica que é capaz de ensinar e aprender a partir da (re)construção de seu mundo. Essa (re)construção se dá ao trabalhar e sentir a terra, ao narrar sobre si, sobre sua vida.

Não há uma cartilha em livros que mostre os saberes e os fazeres, as histórias e as experiências do Ser camponês. Esses elementos são herdados de gerações passadas e explicitados no presente, fazendo-se “Sabedoria”, que adquirem na prática, quando olham a terra molhada e identificam o lugar certo para plantar e criar, quando sentem o sabor do leite cedinho no curral e conhecem qual é o melhor leite para produzir a nata que vira manteiga de garrafa, quando ouvem a siriema⁶ cantar nas matas, indicando que o inverno vai findar, quando cheiram a flor da melancia e percebem se a plantação irá vingar, quando tocam o feijão e reconhecem sua qualidade pelo grão.

Há histórias, saberes, fazeres e experiências de camponeses singulares em cada lugar-terra, em cada espaço-campo, em cada chão, que expressam formação e (auto)formação, que tratam de construções que não apenas mostram, mas que também ensinam e transformam-se em novo saber a quem ouve e a quem tem a sensibilidade de ler.

Na terra, o que você planta e colhe é seu, o que você planta dá, basta trabalhar, não precisa comprar meio mundo de coisa para ser feliz. A felicidade encontra-se nas pequenas coisas, é no deitar a galinha e ver que todos os ovos chocaram, na fartura do feijão, do milho e da batata no período das chuvas, nas noites deitada no alpendre, no café quentinho no fim da tarde. Isso tudo é felicidade. Assim você aprende a plantar, a criar e a viver. Em todo lugar você aprende. É plantando batata, é olhando a escuridão da noite, é à tardinha alimentando os bichos. Assim, ensino a minha filha, foi desse jeito que aprendi a ser o que sou. Levo ela, sempre que posso, para a plantação aqui em frente, quero que cresça como eu cresci, sou uma pessoa de bom coração, muito feliz com o que tenho. Espero que ela seja também. (Leandra Fernandes, depoimento, Comunidade Várgea Redonda, Upanema/RN, 12/03/2012)

É no cotidiano de trocas e vivências, que Leandra ensina a sua filha e reconhece a importância de sua formação no campo, o aprendizado vivido ali que lhe possibilitou entrar na faculdade. Narrando sua história, conhece a relevância

⁶ Siriema é o nome vulgar dado às aves pertencentes à família dos cariamídeos (Cariamidae); essa ave é típica do nordeste.

desse espaço para sua vida, pensa sobre a formação de sua filha. Aprendemos em comunhão e mediatizados pelo mundo, repisa Freire (1997).

As narrativas motivam nossa curiosidade, pois confirmam que, mesmo no “pequeno mundo” de todos os dias, as histórias, os saberes, as experiências e os fazeres do homem no campo são múltiplos, compartilham patrimônios, heranças culturais, vão do tocar ao olhar, antecedem dimensões, semeiam-se no início e no fim do dia, constroem-se nas discussões, na agonia da seca, na chuva que traz alegria. Elas escrevem sobre um campo e terra que a sociedade pouco conhece, sobre um saber da raiz ao fruto, sobre uma história de um grupo, sobre uma experiência que é existência, sobre um fazer que é viver, sobre uma pedagogia da terra.

Agradeço muito a meus pais pela educação que tive. A questão de valorizar o trabalho na terra, de valorizar a família, o respeito, a união. As brincadeiras até moça com meus irmãos também me ensinaram a ser essa Francione, são lembranças inesquecíveis, lembro-me desse passado, do contato com a natureza, com a terra, das noites ao luar na fogueira, das cantigas que minha mãe cantava e ensinou. Quanta coisa guardo em mim, isso sou eu [silenciou]. (Francione Bezerra, depoimento, Assentamento Nova Vida, Upanema /RN, 05/06/2012)

Muitas dessas coisas podem até não ter sentido para os outros, mas têm para nós, faz parte de nosso mundo, nós damos sentido, acreditamos, porque é verdade, se não fosse, não teria vigorado de geração para geração. Acredito nesse saber nosso, da terra, no saber do João de Barro, que, quando vai chover, faz sua casa de frente para o nascente. Esse ano fiquei desanimado, vi um deles fazendo sua casinha virada para o norte, é sinal de que o inverno não vai ser essas coisas, e foi isso mesmo. (Pedro Touto, depoimento, Assentamento Nova Esperança, Upanema/RN, 12/03/2012)

Esses saberes e fazeres, essas histórias e experiências nas vozes de camponeses nos levam a prestarmos atenção na propriedade das palavras que saem da sabedoria do viver. É preciso ouvir atentamente cada narrativa, cada história, é preciso sentir cada movimento da infância à vida adulta, é preciso ir às raízes culturais do campo, se continuamos defendendo o progresso e a igualdade planetária, é preciso continuar lutando e acreditando no direito que o camponês tem de viver dignamente na terra, no direito dos povos campestres preservarem e fortalecerem suas origens.

Considerações sobre a caminhada: seguindo com a terra...

As histórias, os saberes, as experiências e os fazeres do ser camponês, sujeito construtor na/da terra são infundas. Surgem desde seu nascimento, ao escutar o primeiro soar dos pássaros no entardecer, ao pisar no chão e no barro de seu povo, ao ouvir o cantar do galo que anuncia o dia que está por vir. Entrelaçam-se com a vida, envolvem união, autonomia e ação, fazem-se no cotidiano, identificam sua cultura e seu *ethos*.

Nesse contexto, não podemos pensar em uma proposta de educação do e no o campo, que não se articule à vida e à essência do mundo camponês. Do campo, brotam aprendizagens, na fartura e na escassez, no tempo de colheita e de estiagem, emergem ao raiar o dia, no escurecer da noite, não possuem fórmulas prontas, são produzidas cotidianamente na vida.

As narrativas tecidas neste trabalho alertam para a necessidade de prosseguirmos estudando sobre os saberes e os fazeres do campo, com a preocupação de oferecermos aos alunos camponeses uma discussão permanente, práticas, projetos e um ensino que garanta o direito do respeito a sua cultura, sua identidade, sua pertença. A escrita de si, a escuta do outro, as vozes do “mato”, informados pela cultura de um povo, constituem-se singulares para qualquer projeto educacional.

As (auto)biografias dos ex-alunos construíram-se carregadas de emoção. Os participantes do estudo riram, choraram, disseram de si, silenciaram, pensaram e refletiram. Todas essas palavras expressam sentimentos, força, formação e (auto)formação.

O resgate de cada história, que emergiu nas (auto)biografias permitiu em parte aos camponeses compreender o modo acerca de como se tornaram sujeitos num diálogo contínuo com seu contexto. Eles pontuaram experiências negativas e positivas, mas ambas formativas e (auto)formativas, porque fazem sentir a vida.

Alertamos ainda que o trabalho com as histórias de vida interfere positivamente na formação identitária dos professores no seu processo formativo, não podendo ser diferente no estudo realizado. Identificamos o quanto as narrativas circunscrevem as características do sujeito e de sua cultura no tempo e na vida.

Fica a esperança de que as histórias, os saberes, as experiências e os fazeres dos ex-alunos camponeses do curso de Pedagogia da Terra da UERN,

como também dos demais camponeses que vivem no/do campo, possam colaborar na inclusão e no reconhecimento dos povos campestres como construtores de conhecimento e de existência terrestre.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 3ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DELORY-MOMBEGGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto*. Tradução de Maria da Conceição Passegi. Natal: EDUFRRN, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 14ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26ªed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MOITA, Maria da C. Percursos de formação e de transformação. In. NÓVOA, António (Org.). *Vida de professores*. Lisboa: Porto Editora, 2000. p. 96.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In. *Estudos históricos (Memória)*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.
- SOUZA, Elizeu C.; PASSEGI, Maria da C. *(Auto)biografia: formação, territórios e saberes*. Natal: EDUFRRN, 2008.